

BLUMENAU EM CADERNOS



TOMO XIX — No. 5
Maio de 1978

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de:

Artur Fouquet - Blumenau
Banco do Estado de São Paulo S. A. - Banespa
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Georg Traeger - Blumenau
Imobiliária «D L» Ltda.
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda.-Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeira Odebrecht Ltda. - Blumenau
Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
Malharia Maju S/A. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Sul Fabril S. A. - Malharia e Confecções - Blumenau
Tipografia Baumgarten Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XIX

MAIO DE 1978

Nº. 5

— S U M Á R I O —

| | Página |
|--|--------|
| OS BARRACÕES DE RECEPÇÃO DOS IMIGRANTES | 126 |
| DR. BLUMENAU ERA CIDADÃO BRASILEIRO | 130 |
| FIGURAS DO PASSADO | 131 |
| FCT INSTITUI NOVO REGULAMENTO PARA CARABINA APOIADA | 133 |
| O PROGRESSO DA COLÔNIA DE BLUMENAU EM 1885 | 135 |
| HOMENAGEM BOTÂNICA A VICTOR HERING | 136 |
| A HISTÓRIA DE BLUMENAU REVELA: — | 137 |
| A OPINIÃO DOS QUE NOS VISITAM | 141 |
| DR. PH. HERMANN BLUMENAU | 142 |
| A LOJA MAÇÔNICA "ZUR FRIEDENSPALME" | 143 |
| DIA INTERNACIONAL DO LIVRO INFANTIL | 146 |
| A COLONIZAÇÃO ITALIANA DE RIO DOS CEDROS | 150 |
| ESTANTE CATARINENSE | 151 |

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: Honorato Tomelin — Redação: José Gonçalves

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 50,00

Número avulso Cr\$ 5,00 -- Atrasado Cr\$ 10,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 50,00 mais o porte Cr\$ 100,00 total Cr\$ 150,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

OS BARRACÕES DE RECEPÇÃO DOS IMIGRANTES

..... José E. Finardi

Em 1880, quatro anos depois da instalação do Colégio São Paulo de Blumenau, Pe. José Maria Jacobs, seu fundador, afim de atender ao crescente ritmo de novas matrículas, tratou de ampliar a construção inicial, anexando-lhe mais uma sala.

A essa época existiam na Colônia, três grandes barracões que já não eram utilizados para a sua finalidade, que era a de alojar os imigrantes vindos à Colônia, sendo que um deles, já em ruínas, se achava situado na barranca do Rio Itajaí, não muito distante do Colégio.

Desejando aproveitar as telhas e outros materiais desse barracão, Pe. Jacobs dirigiu-se à Sua Alteza Imperial, D. Pedro II, pedindo-lhe a cessão do mesmo, e endereçando outra petição ao Presidente da Província para que este intercedesse no sentido de obter o deferimento favorável.

Encaminhados, como de praxe, para serem informados pelo Diretor da Colônia, Dr. Blumenau, este, numa compreensível atitude de respique, manifestou-se frontalmente contra a cessão pleiteada, motivo porque Pe. Jacobs se dirigiu novamente a seu amigo Dr. João Rodrigues Chaves, Presidente da Província, em carta "confidencial", fazendo-lhe dramático apelo no sentido de que contornasse o impasse criado pelo Dr. Blumenau.

BLUMENAUENSES QUE PARTICIPARAM DA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL DO PASSADO

CAPA — Na presente edição de "Blumenau em Cadernos", prestamos homenagem a diversos blumenauenses que, no passado, deram o melhor de seu esforço e inteligência na administração do município, transferindo para as gerações futuras os mais dignificantes exemplos de probidade, dinamismo e de amor à comunidade e ao seu povo. São eles, a começar da esquerda para a direita: Em pé: Alfredo Kaestner (Tesoureiro da Prefeitura), Carlos Krummenauer (Fiscal Geral), Oscar Kirsten (Fiscal), Dr. Kasperek (Auxiliar da Prefeitura) e João Kersanack (que foi prefeito provisório em 1931). Sentados, na mesma ordem: Leopoldo Hoeschl (Tesoureiro da Prefeitura, ex-deputado estadual, ex-vereador), Curt Hering (Prefeito Municipal em dois períodos) e Antônio Cândido de Figueiredo (Prefeito provisório de 1931 a 1933). — A foto da qual confeccionamos o clichê acima, faz parte do Museu da Família Colonial e acha-se catalogada sob o nr. 615.

Não obstante, por officio da Secretaria da Presidência da Província, datado de 6 de julho de 1881, fundado em aviso do Ministério da Agricultura, datado de 30 de junho do mesmo anno, era comunicado a Pe. Jacobs, o indeferimento da pretendida cessão.

Posteriormente, tendo o Ministério da Agricultura determinado a venda em hasta pública do dito barracão, a Câmara Municipal de Blumenau, conforme se infere da ata de 13 de abril de 1883, aprovou a proposição do Vereador Luiz Sachtleben, no sentido de comprar o material do mesmo.

Entretanto, os três barracões foram, mais tarde, entregues à Câmara de Blumenau, pela Presidência da Província (Dr. Francisco Luiz da Gama Rosa), em cumprimento a ordens emanadas do Ministério da Agricultura, tendo sido, então, nomeado, em sessão de 28 de abril de 1884, o Vereador Henrique Watson para tomar conta dos ditos barracões, cujo ato de posse foi cumprido pelo Engenheiro Joaquim Rodrigues Antunes e comunicado á Câmara, em sessão de 12 de maio de 1885.

Pelos documentos que a seguir transcrevemos, se pode inferir os entraves e sacrifícios que o destemido fundador do actual Colégio Santo Antônio teve que suplantar para levar avante o seu empreendimento, pioneiro da instrução na antiga Colônia Blumenau:

Petição dirigida á Sua Majestade Imperial D. Pedro II:

"S e n h o r ,

Diz o Pe. José Maria Jacobs, fundador e director do Pensionato Central de São Paulo de Blumenau, estabelecido em Janeiro de 1877, no qual recebem instrucção, principalmente na lingua nacional, pobres alumnos de ambos os sexos de todas as partes, tambem das remotas da Colonia, Brasileiros, Allemães, Italianos, Inglezes, Francezes e Polacos, dos quaes a maior parte tem, alem da instrucção gratuita, sustento e alojamento, e não poucos ainda vestidos ás expensas do Suplicante, — que augmentando diariamente o numero dos ditos pobres alumnos, de sorte que já não oferece sufficiente capacidade o edificio em que o Pensionato funciona e que foi edificado ás custas do Suplicante e sendo os recursos peccuniarios do mesmo muito exiguos e todos os seus meios particulares exhaustos para esta instituição, e achando-se n'esta Sede actualmente sem serventia alguma e disponiveis as barracas de recepção de emigrantes.

Vem humilde e respeitosa mente supplicar de V. M. I. Haja por Bem mandar transferir para o terreno da Matriz uma das referidas barracas afim de augmentar o dito pensionato, ficando assim o Suppte. habilitado a admitir um maior número de pobres alumnos, que sem a graça pedida são impossibilitados de receber instrucção alguma. Tendo a Camara Provincial d'esta Província, em consideração da utilidade publica do referido estabelecimento, que consta actualmente de 107 alumnos, votado uma subvenção annual ao mesmo e

Sua Excia. o Ilmo. Snr. Presidente da Provincia exprimido, na sua visita memoravel d'esta Colonia, em termos lisonjeiros, sua alta satisfação com o mesmo, como tambem o Snr Dr. Blumenau, Director da Colonia e o Snr. Dr. Mueller, Inspector das escolas, o Supplicante mais confia na generosidade illustre de V. M. I. de ser deferida a supplica acima. E. R. M. (as) Pe. José Maria Jacobs'.

Petição dirigida ao Presidente Provincial de S. Catarina:

"Cheguei n'esta Colonia e comecei a parocchiação no dia 16 de setembro de 1876. Vendo que os colonos d'este vasto terreno habitão a distancias enormes e carecem dos meios para estabelecer escolas e julgando que a educação moral e intelectual da mocidade é não menos importante e necessaria que a parocchiação dos adultos, logo resolveu fundar um Pensionato Central n'esta Sede no terreno da Matriz para dar occasião a todos os pais da Colonia sem differença das crenças religiosas de mandar seus meninos, de ambos os sexos. Tendo recebido como esmola d'uma parte dos habitantes a quantia de Rs. . . . 720\$000 e addido quasi todos meus meios particulares trazidos commigo d'Europa, abrei a primeira aula no 16 de Janeiro de 1877. Crescendo cada vez mais o número de alumnos internos e externos construi novos edificios indispensaveis com despezas de 2:800\$000; e agora contando o Instituto mais do que 100 individuos estou obrigado de enlangir outra vez os ditos edificios. Mas não podendo esperar n'estes tempos de pobreza geral nenhuma assistencia dos habitantes e tendo exaustos completamente meus meios particulares, pedi ultimamente ao Governo Imperial digne-se transferir uma das 3 barracas de immigrants no terreno da Matriz para o fim alludido. Dos alumnos requero só 120 rs. diarios para alojamento, camas, utensilios de meza etc. Desta quantia recebi — No anno 1877 — 55 por cento. No anno 1878 — 45 por cento. No anno 1879 — 23 por cento e no Anno 1880 — 14 por cento. Com isto muito alumnos recebem tambem de mim os necessarios vestidos por causa da extrema pobreza de seus pais. Os professores primarios são Snr. João Piess e eu, os secundarios Snrs. Bernardo Thompson e Nicolao Alben. As senhoras que cuidão a cozinha, os dormitorios, costura, a lavadura etc. são: Murphy, Thompson, Gertrude Schmitz, Catharina Schmitz e Maria Kienen; alem d'isso tenho quasi sempre 3 ou 4 homens para os outros trabalhos necessarios. As partes que se ensinão n'este Instituto são: Doutrina, historia biblica, ler, escrever, memorar e declamar. Portuguez, Allemão, Francez, Inglez e Italiano, orthographia, contar e arithmetica, historia do mundo, historia do Brasil, Geographia, historia natural, desenhar, cantar. Latim, geometria, Piano e Violino, estas ultimas partes naturalmente só a alumnos especiais. Portanto, o Supplicante vem supplicar a Va, Sa digne-se benigneamente interceder com o Governo Imperial para obter, em primeiro lugar, uma das referidas barracas e tambem, sendo possivel, um hono-

rario annual ao menos para um dos professores primarios. E. R. M. (as) Pe. José Maria Jacobs'.

Carta "Confidencial" dirigida ao Presidente da Provincia: "Blumenau, 14 de Abril de 1881. Illmo. e Exmo. Snr. Presidente d'esta Provincia. O Snr. Dr. Blumenau, recebendo de Va. Exa. para informar a minha petição relativa a uma barraca d'immigrantes d'esta Sede, parece que ficou muito offendido porque escrevi o dito requerimento sem consultal-o e por isso me dizia francamente que quiz informar "CCNTRA", tanto mais porque as barracas não foram construidas para escolas mas bem para os immigrants. He por isso que tomo a liberdade de dirigir-me confidencialmente a Va. Exa. confiando na generosa promessa que me fez na occasião de Sua memoravel visita depois da enchente, — de proteccionar benignamente este Instituto de S. Paulo, — mormente porque tantos meninos das differentes nacionalidades e crenças religiosas recebem gratis educação, alojamento e muitos tambem todos seus vestidos. Tendo já exaustos todos meus meios particulares, he impossivel para mim d'erigir um edificio, como o numero cada vez crescente dos alumnos o precisa, sem a pedida subvenção, isto he a transposição d'uma barraca d'immigrantes no terreno da Matriz. N'este tempo de pobreza geral os colonos mesmos não podem ajudar-me e por isso não ha outra alternativa que mandar para casa os alumnos ou construir uma nova aula, a outra eregida ás minhas custas não sendo capaz de receber mais. Habitando a maior parte de nossos colonos n'uma distancia de 2 — 10 legoas da Sede e não tendo os meios para fundar escolas particulares, a maioria de nossa mocidade, deve sem o referido Instituto de S. Paulo — ficar sem instruccão alguma, o que me parece uma grande desgraça para os individuos, para a sociedade e para o Estado. Por essas razões humildemente supplico a Va. Exa. por amor de Deos e por amor das almas immortaes e por amor do bem publico dignese-me accordar Sua influencia valiosa com o Governo Imperial para obter deferimento do alludido requerimento. E.R.M. (as) Pe. José Maria Jacobs'.

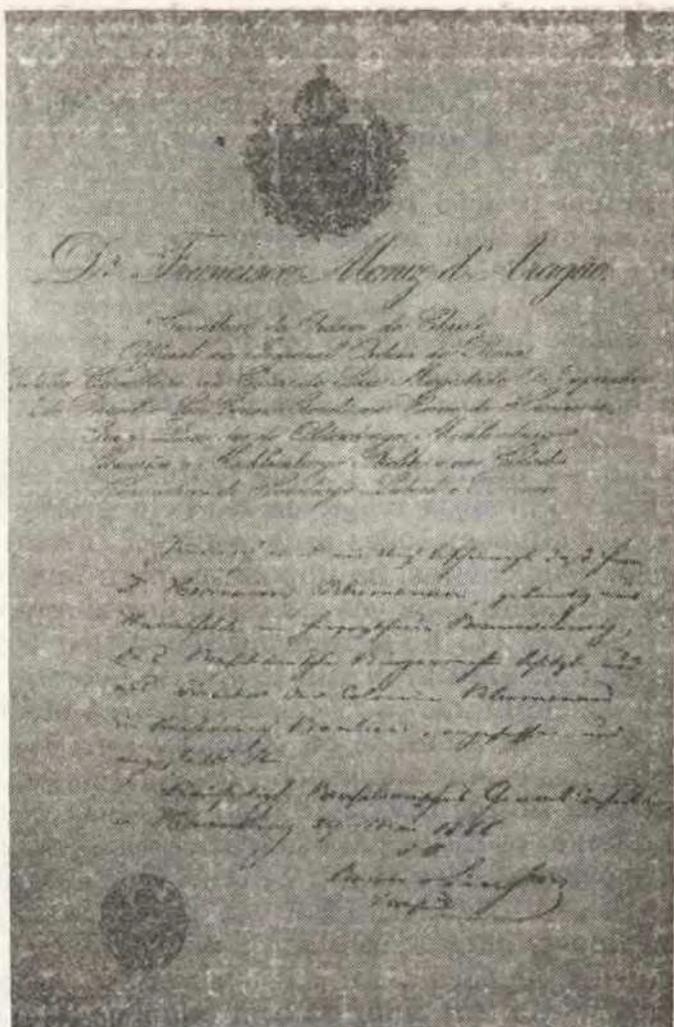
Oficio comunicando o indeferimento:

'Secretaria da Presidencia da Provincia de Santa Catharina. Em 6 de Julho de 1881. Illmo. e Revdmo. Sr. De ordem do Exmo. Sr. Dr. Presidente da Provincia, comunico a V^a. Revma. para sua sciencia, que, por aviso do Ministerio d'Agricultura, de 30 do mez findo, foi declarado ao mesmo Exmo. Sr. ter sido indeferido o requerimento em que Va. Revdma. pede a remoção de uma das casas de hospedagem de immigrants, sitas na Colonia Blumenau, para o terreno da respectiva Matriz, afim de poder augmentar o seu collegio. Deus Guarde a Va. Exa. Revma. O Secretario int^o. (as) Julio C. Pereira. Illmo. e Revdmo. Sr. Pe. José Maria Jacobs'.

**DR. BLUMENAU
ERA
CIDADÃO
BRASILEIRO**

Um documento (cópia) recém-chegado da Alemanha, e emitido pelo Consulado Imperial Geral do Brasil em 29 de maio de 1866, declara que o Dr. Blumenau era detentor da cidadania brasileira, como reconhecimento pelos serviços que prestava à S. M. Imperial do Brasil, na qualidade de fundador e Diretor da Colônia Blumenau.

Esse documento, possui o seguinte timbre de cabeçalho: "Dr. Francisco Moniz d'Aragão, Cavalleiro da Ordem de Christo, Official da Imperial Ordem da Rosa, Fidalgo Cavalleiro da Casa de Sua Majestade O Imperador do Brasil e Seu Consul Geral no Reino de Hannover, Gran Ducados de Oldemburgo, Mecklemburgo Schwerin e Mecklemburgo Strelitz, e nas Cidades Hanseaticas de Hamburgo, Lubeck e Bremen". — O texto em alemão, conforme mostramos no clichê, tem o seguinte teor, (tradução de Alfredo Wilhelm): — "Por este documento, confirmamos que o Dr. Hermann Blumenau, natural de Hasselfelde, Gram Ducado de Braunschweig, é possuidor de todos os direitos de cidadão brasileiro, exercendo as funções de Diretor da Colonia Blumenau, no Império do Brasil e onde está domiciliado. As inado: Consulado Imperial Geral do Brasil em Hamburgo, em 29 de maio de 1866. — Pp. Barão von Linchton, Vice-Consul".



Figuras do Passado

Leopoldo Bauer

João Bauer

JOÃO BAUER, um dos pioneiros e fundadores de Brusque, nasceu na Baviéra, em 13 de Novembro de 1849. Com apenas 11 anos de idade, veio ao Brasil, em companhia de seu pai, o viuvo Balthasar Bauer. Donos de escassos recursos materiais, eles enfrentaram os perigos das selvas. Frutos silvestres e carne de animais de caça, foram seus únicos alimentos na fase inicial.

JOÃO BAUER, mal havia completado 12 anos, foi obrigado a dedicar-se, à lida pesada num engenho de serra, localizado na Guabiruba, a 12 km. dos primeiros casébres de Brusque. Foi intenção do pai Balthasar, de fortalecer o carater de seu filho, num ambiente de trabalho e sacrifícios. A recompensa material foi irrisória e os acêssos de desânimo do pai, tornaram-se frequentes. O pequeno João no entanto, cheio de alegria e entusiasmo, mudou-se para Itajaí, onde conseguiu trabalho numa padaria. Com muito amor e esforço, pai e filho conseguiram finalmente algumas economias que lhes permitiram a compra de uma propriedade na Guabiruba, junto com o engenho de serra. Lá passaram anos de trabalho e sacrifícios, até a morte do pai. Dotado de excepcional espírito de iniciativa e com a finalidade de ampliar e tornar mais rendosos seus negócios, JOÃO BAUER mudou-se novamente para Brusque onde foi instalar uma pequena loja. Graças ao trabalho persistente e vocação para a vida comercial, a loja tomou vulto, tornando-se finalmente o centro comercial de Brusque.

Não menos movimentada tornou-se a vida na residência de JOÃO BAUER. Diariamente, das primeiras horas da madrugada, até altas horas da noite, iam e vinham pessoas de todas as classes sociais. Lavradores, caboclos, religiosos, políticos e funcionários, foram sempre acolhidos com a mesma hospitalidade. Ele aprendeu a ler e escrever, quando adulto e já negociante de renome. Gostou de música proporcionando a seus filhos a oportunidade de tomarem aulas de piano. Frequentemente reunia em sua residência, amigos da música, para noites de arte. Ele educou seus filhos, implantando-lhes o espírito da honestidade, do amor ao trabalho e respeito ao próximo.

Dotado de extraordinária resistência física tinha os pensamentos constantemente voltados a novos empreendimentos. Já perto dos 80 anos, embrenhou-se nas selvas, junto com uma turma de trabalhadores, para construir vários quilômetros, de uma linha condutora da usina elétrica, montada na Guabiruba. Durante várias semanas

com alimentação insuficiente, ele se expôs ás intempéries e perigos da mata virgem executando um trabalho extremamente pesado.

A 3 de novembro de 1871, casou com MARIA OLINGER. Por falta de um cartório do Registro Civil em Blumenau, o ato oficial do casamento realizou-se em Itajaí Sua esposa era de nacionalidade luxemburguesa. Do matrimônio nasceram seis filhos.

Digno de nota é a contribuição de JOÃO BAUER para o desenvolvimento da cidade de Brusque. Às suas expensas foram construídos diversos edifícios: a fecularia do Renaux, um moinho de arroz, a escola das Irmãs da Divina Providência e a moradia de sua família. Trouxe também o primeiro automóvel para Brusque, o que naquela época foi considerado um acontecimento todo especial. No entanto, sua maior contribuição para o desenvolvimento econômico de Brusque, foi o aproveitamento de uma queda d'água na Guabiruba, para a construção da primeira usina elétrica. Este empreendimento, foi o início de uma nova etapa no desenvolvimento industrial de Brusque.

Sempre prestativo, João Bauer deu exemplo, apoio e auxílio financeiro a muitas empresas de caráter comercial e industrial. Os lavradores tinham nele um amigo de mão aberta. Mandou derrubar as matas em muitos lugares e tornou-se finalmente, dono de 24 engenhos de serra localizados em Brusque, Itajaí, Luiz Alves e Rio do Sul.

Além de suas empresas em Brusque, ele mandou instalar uma cervejaria em Itajaí, onde manteve também um grande depósito para a exportação de madeira, feita por meio de três grandes veleiros de sua propriedade: "O Tigre" o "Rudi" e o "Brusque". O primeiro navio a motor igualmente de sua propriedade, "O Rudi", fazia o transporte de passageiros e carga.

JOÃO BAUER adquiriu, também, as jazidas de mármore nas proximidades de Camboriú que pertencem hoje, à Firma Engenheiro Eurico Guarneri; descobriu a praia de Cabeçudas, onde mandou construir a primeira casa de veraneio e organizou em Trombudo Central uma progressiva casa comercial e um grande engenho de serra.

Sempre interessado na solução dos problemas administrativos e políticos de Brusque, JOÃO BAUER foi Presidente do Diretório Municipal do Partido Republicano, ocupou por várias vezes a presidência da Câmara Municipal e foi também Prefeito do Município.

Seu matrimônio, caracterizado por uma perfeita harmonia conjugal, foi dos mais felizes e duradouros. Festejou as Bodas de Prata e de Ouro e, quando faleceu, faltava apenas 6 meses para a realização das Bodas de Diamante.

Com calma e serenidade, decorrências da certeza de haver cumprido o seu dever, fortalecido pelo santo sacramento e rodeado pelos membros de sua Família, faleceu o incansável pioneiro, em 30 de agosto de 1931, na bela idade de 81 anos.

FCT institui novo regulamento para carabina apoiada

Por estar muito ligada à atividade das Sociedades de Atiradores em geral, cuja maioria encontra-se em Blumenau, vamos divulgar matéria que regulamenta em nova e histórica fase, a forma de prática do tiro ao alvo com carabina apoiada, recém-instituída pela Federação Catarinense de Tiro ao Alvo, cuja sede está em Blumenau:

"Fica instituído o REGULAMENTO PARA O TIRO AO ALVO DE CARABINA APOIADA, na forma abaixo, aprovado pelos Clubes reunidos na Assembléia Especial da Federação Catarinense de Tiro ao Alvo, levada a efeito em 13 de janeiro de 1978.

REGULAMENTO PARA CARABINA APOIADA

Este regulamento é aplicável às provas de tiro de MEDALHAS, TROFÉUS INDIVIDUAIS e EQUIPE.

1º. — É obrigatório o uso de munição nacional.

2º. — Fica proibido o uso de qualquer lente ótica colocada na arma.

3º. — Para o sistema de apoio da carabina, será permitido somente uma chapa metálica, colocada sob a arma, podendo no entanto ser regulável para frente ou para trás, para determinar o ponto de equilíbrio. Esta chapa não poderá ser mais larga do que a madeira de coronha no lugar onde ela será fixada. O comprimento máximo permitido será de 12 cm., e o apoio para o encosto é opcional, podendo ser do sistema de pino ou maciço, porém não poderá exceder à largura da chapa superior.

4º. — O peso total da carabina não poderá ser superior a 8 kg.

5º. — Para a classificação das equipes, serão considerados os 6 (seis) melhores de cada equipe, podendo no entanto a sociedade inscrever no máximo doze atiradores para formação de cada equipe. A sociedade poderá participar com mais de uma equipe, devendo esta segunda equipe conter um mínimo de 6 (seis) atiradores inscritos.

6º. — Fica instituído o uso obrigatório do alvo oficial ou seja, o alvo de 10 (dez) zonas.

7º. — Cada atirador usará 7 (sete) alvos assim distribuídos:

1º. — Para os 5 (cinco) tiros de ensaio OBRIGATÓRIO;

2º. e 3º. — Para os 6 (seis) tiros válidos para MEDALHAS;

4º. e 5º. — Para os 6 (seis) tiros válidos para TROFÉU INDIVIDUAL;

6º. e 7º. — Para os 6 (seis) tiros válidos para EQUIPE.

OBS. Na prova deverão ser disparados somente 3 (três) tiros em cada alvo.

- 8º. — A soma total dos impactos nos alvos válidos das provas de MEDALHAS, TROFÉU INDIVIDUAL e EQUIPE, proporcionam a classificação para os PRÊMIOS em disputa.
- 9º. — Os alvos serão recolhidos e apurados por 3 (três) juizes no mínimo.
- 10º. — Desempates serão contados pelo maior número de 10, 9, 8, etc. dentro da modalidade a ser desempatada. Persistindo o empate, será considerada a maior série em ordem regressiva. Persistindo o empate, pelo maior número de 10, 9, 8, etc. em ordem regressiva. Persistindo ainda o empate, será considerado vencedor aquele que tiver o tiro central na modalidade a desempatar.
No caso dos prêmios, será desempatado primeiro em ordem regressiva dos pontos das séries atiradas, em seguida pelo maior número de 10, 9, 8, etc. do cartão.
NOTA: O alvo de ensaio não será considerado para desempates.
- 11º. — Tiro disparado que não atinja nenhuma zona do alvo, poderá ser repetido. Se o tiro for no alvo do vizinho e puder ser constatado seu valor, o mesmo será anotado com dedução de 2 (dois) pontos. Quando não se puder constatar o valor será considerado o tiro mais baixo do alvo que tiver 4 (quatro) tiros com a dedução de dois pontos.
- 12º. — Cada sociedade deverá indicar um Capitão de equipe no ato da inscrição, que fica credenciado a derimir eventuais dúvidas junto ao representante da Federação.
- 13º. — Dos horários de inscrição e provas de tiro:
a) — Sábado, inscrições a partir das 14:00 horas, com encerramento às 20:00 horas,
b) — Domingo, inscrições a partir das 8:00 horas, com encerramento às 16:00 horas;
c) — Aos domingos as provas de tiro terão seu início às 8:00 horas e terminam às 19:00, impreterivelmente.
- 14º. — O preço máximo do cartão de inscrição, fixado para todo o ano de 1978, é de Cr\$ 60,00 (sessenta cruzeiros), podendo, porém, qualquer sociedade baixá-lo na proporção dos prêmios em disputa.
- 15º. — Uma Sociedade de tiro só poderá presidir uma disputa de Tiro ao Alvo Inter-Clubes, quando possuir o competente Certificado de Registro expedido pela FEDERAÇÃO, referente ao ano em curso.
- 16º. — Poderão participar em qualquer modalidade de Tiro ao Alvo, menores de 14 anos, acompanhados do pai ou responsável.
- 17º. — Cada atirador poderá representar somente uma sociedade na qual está inscrito como tal.

- 18º. — A sociedade e o atirador que não cumprirem este regulamento perderão o direito a prêmios, troféus e medalhas que conquistarem numa disputa.
- 19º. — O tempo máximo que o atirador dispõe para toda a prova de tiro será de 25 minutos, incluindo o ensaio.
- 20º. — O presente REGULAMENTO substitui o anterior.
- 21º. — Qualquer alteração no presente regulamento deverá ser apresentada com antecedência de no mínimo 15 dias ao Diretor de Arma Apoiada para a devida aprovação. Os casos omissos neste regulamento serão igualmente resolvidos pelo mesmo diretor.
- NOTA: — Pede-se aos Clubes que se façam representar nas competições por atiradores inscritos e quites com a Federação Catarinense de Tiro ao Alvo.

Blumenau, 15 de março de 1978.

Bertoldo Neitzel
Presidente

Heinz Ewald
Diretor de Tiro Apoiado.

O progresso da colônia de Blumenau em 1885

O sr. Frederico von Ockel, um dos mais diletos amigos deixados aqui pelo Dr. Hermann Blumenau quando de sua partida definitiva para a Alemanha, era um dos que mais se correspondiam com ele.

Entre os documentos recém chegados da Alemanha, encontramos uma das cartas que o sr. von Ockel endereçou ao Dr. Blumenau, escrita em alemão e agora traduzida pelo sr. Alfredo Wilhelm, em cuja missiva particular são dadas informações sobre o desenvolvimento da colônia. Nessa carta, em certo trecho, o sr. Frederico von Ockel diz o seguinte, comentando sobre o crescimento econômico da colônia:

“A exportação de produtos coloniais aumentou enormemente, de maneira que atualmente, ha meses, em que o vapor “Progresso” somente em banha e manteiga, transporta quantidades que atingem ao valor de trinta contos de réis, para o porto de Itajaí. A concorrência de compra dos produtos de Blumenau torna-se cada vez mais agressiva, de maneira que os colonos estão progredindo tanto que jamais sonharam no passado, que chegariam a alcançar tanta fartura e bem estar na época atual”.

HOMENAGEM BOTÂNICA A VICTOR HERING

Raulino Reitz

Nos apontamentos biográficos da autoria de José Gonçalves publicados em Blumenau em Cadernos, Tomo XIX Nr. 3, como justa homenagem a Victor Hering observei uma lacuna que nessas poucas linhas gostaria de preencher.

Houve uma homenagem, mesmo rara na vida de homens ligados ao trato da Natureza, como Victor Hering.

Em 1961, na revista SELLOWIA Nr. 13, pg. 298, do Herbário Barbosa Rodrigues, de Itajaí, foi descrito e desenhado um bellissimo arbusto de 2-4 metros de altura, com folhas grandes (15-20 cm de compr.), muito rugosas e rígidas, de cor verde-escura, flores brancas



e frutos roxo-escuros. Esta planta rara foi até hoje, em Santa Catarina, somente encontrada na Reserva Florestal da Malharia Hering, em Bom Retiro, na cidade de Blumenau. Posteriormente o botânico Gert Haschbach, encontrou a mesma planta com porte bem mais alto (10-15 metros de altura) nos municípios de Guaratuba (divisa do Paraná com Santa Catarina) e Paranaguá.

Como Victor Hering era profundamente apegado às coisas da Natureza e estava desenvolvendo com sucesso o reflorestamento nos terrenos da Companhia Hering, na cidade de Blumenau, sugeri ao emi-

nente botânico uruguaio C. Diego Legrand, autor da descrição da espécie nova para a ciência, especialista em Mirtáceas, que dedicasse o nome desta novidade ao meu grande amigo Victor Hering. Junto ao nome da "species nova" denominada *Myrcia heringii* Legrand foi escrito o "argumentum" da honraria, em latim: "Nomen in honorem familiae Hering, imprimis Victoris Hering, res florestales insigniter ad Blumenaviam civitatem curantis dicatum". Tradução: O nome foi dado em homenagem à Família Hering, especialmente a Victor Hering, insigne incentivador do reflorestamento de Blumenau.

Na enciclopédia botânica da FLORA ILUSTRADA CATARINENSE, publicada pelo Herbário Barbosa Rodrigues, foi amplamente tratada esta interessante árvore, cujos nomes populares são guamirim-de-folha-rugosa ou guamirim-de-hering. Seu cultivo é indicado nas praças, parques e avenidas das cidades por ser ornamental.

A HISTÓRIA DE BLUMENAU REVELA: —

Problemas enfrentados pelo fundador da Colonia

OS BUGRES ATACAM E MATAM COLONOS.

ROUBAM E RAPTAM CRIANÇAS

Da coleção das numerosas cartas e documentos recém-chegados dos arquivos históricos da Baixa-Saxônia, na R. F. A., continuamos, hoje, com a publicação de cartas redigidas de próprio punho pelo Dr. Blumenau e endereçadas ao Presidente da Província, comunicando tristes fatos acontecidos e pedindo providencias cabíveis para socorrer os colonos. Essas cartas, redigidas em português, são transcritas, aqui, na forma como foram escritas pelo notável filosofo fundador da então Colonia Blumenau:

1ª. CARTA

"Illmo. e Exmo. Snr.

A força destacada n'esta colonia para servir contra os bugres gentios e ao mesmo tempo fazer o serviço policial, já no principio do anno pr. pº. foi insufficiente para as diferentes necessidades do mesmo serviço e repetidas vezes sollicitei à Presidencia hum pequeno augmento da dita força.

Desd'aquella epoca a colonia se estendeo em differentes direções por mais de quatro legoas, o serviço se augmentou em proporções

e a força ficou ainda desfalcada pelo obito de huma praça, que até agora não foi substituída e a continua enfermidade de outra, que n'estes dias mando á essa capital, para ser tratada na enfermaria do seu batalhão.

Ocorrendo regularmente na actual estação as correrias dos bugres, a pequena força, disponível para effetivo serviço, está muito insufficiente para sua crescente extensão e necessidades e muito tenho á temer, que aconteça algum desastre, causado pela atrocidade dos bugres, que espalhe o terror entre os colonos e os ponha em fuga.

Ouso pois repetir á V^a. Ex^o. o pedido tão instante quão respeitoso, que repetidas vezes dirigi á Presidencia, de encher as lacunas na força existente n'esta colonia e augmental-a com mais tres á cinco praças, expedindo as convenientes ordens, para que com a possivel brevidade cheguem aqui.

Em apoio d'este meu respeitoso pedido tenho a allegar, que deverei destacar e destaquei já parcialmente 3 praças para Badenfurth, tres ditas para a barra do rio do Testo e três para o alto Garcia, tendo ainda a destacar tres ou quatro para o alto rio do Testo.

Ficando assim absorvida toda a força, até si o seu numero de 13 praças fosse completo e disponível, o que infelizmente não he, não resta praça alguma para o serviço na propria vizinhança e no meio da população, seja para o serviço policial e as rondas n'essa localidade, seja para o de trazer recados aos differentes destacamentos, levar officios, etc.

Em attenção á estas circumstancias, entrego-me á lisongeira esperanza de que V^a. Ex^o. se dignará benignamente deferir o pedido acima enunciado. — Deos Guarde V^o. Ex^a. — Cola. Blumenau, 17 de Novembro de 1962.

Ilmo. e Exmo. Snr. João Francisco de Souza Coutinho — Dm^o. Presidente d'esta Provincia. — O Diretor — Dr. H. Blumenau".

2^a. CARTA

"Ilmo. e Exmo. Snr.

Cumpro o desagradável dever de participar á Va. Excia. que na tarde do dia 27 do mez prox. passado, os bugres gentios atacam no Distrito do ribeirão do Garcia d'esta colonia a casa do colono Frederico Christiano Holles, cahindo de sobressalto com fleichadas sobre a mulher do mesmo que ali se achava sozinha, a qual ficou ferida no braço superior, e roubando facões de mato, machados, todos os colchões de pennas, como umas roupas e outros objetos. Mandeí logo huma escolta de soldados em perseguição e os colonos também se reunirão para o mesmo fim, mas infelizmente acharão só os rastros que se dirigirão para a banda do Itajahy Mirim. Os bugres forão só em numero de quatro e ficou entre elles notado o mesmo malfeitor de extraordinária estatura que já se havia observado em outras ocasiões

de taes assaltos, tendo porém d'esta vez sido vestido de huma espécie de calças de brim listrado, como hé em uso entre os Allemães, para roupa de cama .

A ferida da mulher, felizmente não offerece perigo, mas o pobre colono, á quem os bugres saquearam e desguarnecerão a casa e que apenas havia se casado e estabelecido, sendo dos que entrarão n'esta colonia no anno passado, merece tanto mais compaixão, quanto havia trabalhado hum anno para ganhar o necessário para seu estabelecimento. Elle avalia as perdas que soffreo em roupas, vestiario e ferramentas em mais de 125\$000 e pede huma idenização ou auxilio, para de novo se munir com o meio necessário para sua economia doméstica. Tendo eu indagado sobre o prejuizo, parece-me que a avaliação acima he exagerada, mas que o prejuizo soffrido bem pode chegar á 75 ou 80\$000, devendo o prejudicado gastar 50 a 60\$000 para se munir com o mais necessário que lhe foi roubado.

Entendo, que era conveniente, conceder ao pobre homem, á quem os bugres não deixarão machado nem enchada e outras ferramentas, nem colchão, cobertor e roupa, alguma auxilio tanto para que possa continuar ao menos trabalhar na sua terra, como para attenuar a triste impressão e o terror que este acontecimento exerceo sobre os colonos, sobre tudo os recémchegados. Elle me pedio tal socorro mas não posso conceder-lhe sem a especial autorização de Va. Excia., visto que o suppte. já não pertence ao numero dos que percebem subsidios. Á vista das circunstancias do colono prejudicado e da extraordinária particularidade d'este caso, ousou rogar a V^o. Ex^a. queira conceder sua autorização, para auxiliar ao referido colono com huma quantia que não excede á 60 ou 70\$000.

Ao mesmo tempo e em consequencia d'este assalto, que podia ter effeitos muito mais funestos e acaso em breve se repita, vejo-me na necessidade de reiterar o respeitoso pedido, que já fiz, V^o. Ex^a. queira com a possivel brevidade mandar completar o destacamento d'esta colonia, enchendo-me as lacunas que se derão, com praças novas e idoneas e augmental-o com mais tres praças além das tres que já pedi, elevando-o assim ao numero de vinte praças em tudo além do cadete e o cabo, que o commandão.

Si não me fôr possivel, como atualmente he impossivel, estabelecer pequenos destacamentos nos pontos remotos e expostos, tenho á temer não só huma nova e maior desgraça, como ainda, que os colonos recémchegados se recusem á hirem trabalhar e estabelecer-se nas suas sortes até que tenha acabado a estação dos bugres. Estendendo-se porém, esta estação até o mez de Abril, V^o. Ex^a. não deixará de notar, que havia de se dar um grande desperdicio pecuniário, sen-

do de outro lado quasi impossivel impelir com força aos colonos, para sob taes imprevisões se entranharem nas mattas.

V^o. Ex^a. porem ha de resolver como fôr mais acertado.

Deos guarde á V^a. Ex^o. — Cola. Blumenau, 1 de Dezembro de 1862.

Commendador João Francisco de Souza Coutinho — Dmo. Presidente da Provincia. — O Diretor — Dr. H. B. O. Blumenau".

"POSTSCRIPTUM NO DIA 2 DE DEZEMBRO DE 1862

Abro ainda o officio que já havia fechado, porque n'este momento, em que o queria entregar ao próprio, vem hum colono do mesmo distrito da Garcia, participando-me que hontem á noitinha, dous bugres querião sobresalta-lo, rastejando na barriga como onças ou gatos de matos com as frechas nos arcos, mas que avisado por seu filhinho, que lhe servia de sentinella, os afugentara, ferindo á hum dos gentios com um tiro de bala no braço. Foi infelizmente o seu ultimo tiro e veio pedir-me dinheiro para chumbo e polvora e alguns soldados, allegando que tendo ainda perseguido aos bugres, estes desapareceram n'hum caverna natural, de que elle, colono, não achara ainda a sahida. Mando logo huma escolta, mas rogo ao mesmo tempo de novo á V^a. Ex^o. tão respeitosa quão encarecidamente, queira mandar-me com a maior urgencia possivel o reforço pedido".

3^a. CARTA

"Nr. 23 — Col^a. Blumenau, 21 de Março de 1870.

Illmo. e Exmo. Snr.

Cumpr-me o triste dever, participar a V^o. Ex^a., que na madrugada do dia 13 d'este mez os indios selvagens surprehenderão o colono Frederigo Bruhow e sua familia, ultimo morador no Alto Rio do Testo, matando-o e sua mulher, saqueando a casa e levando consigo hum infeliz filho da familia, de 9 annos de idade, entretanto que deixarão com vida e na casa hum menino e huma menina de 7 e de 3 anos. Em seguida espoliarão ainda a casa do outro último morador d'este distrito, que se acha na outra banda do rio, tendo porém a familia do mesmo tido tempo, para refugiar-se aos vizinhos na ausencia do chefe.

Recebi esta triste nova na noite do dia 16 e mandei logo no dia 17 dous colonos experimentados e corajósos para com outros colonos, moradores na vizinhança do sinistro, perseguirem aos bugres e procurarem arrancar-lhes o infeliz menino arrebatado ou raptado. Duvidando eu por boas razões de que esta diligencia tenha todo o efeito desejado, julguei contudo que esta Diretoria se não podia subtrahir á mesma e á alguma despeza, para sobretudo tranquilizar algum tanto os colonos assustados e algum tanto satisfazer aos clamores da voz pública, entregando-me a esperanza de que minha resolução mereça a

aprovação de V^o. Ex^a. Tendo-se offerecido hum honrado e humano colono, para por ora e talvez definitivamente receber aos infelizes orphões, estes se achão provisoriamente agasalhados. Agradecendo ao respectivo colono sua ação benfazeja, mandei ao mesmo tomar conta dos restos da propriedade dos assassinados, que além da terra e casinha, consistião em dous porcos, algumas gallinhas e poucos trastes. Na primeira oportunidade hei de fazer os outros passos necessários para regular, á quanto chega minha competencia, este triste negocio.

Permitto-me finalmente, invocando a benevolencia de V^o. Ex^a. para com a outra familia, já bastante indigente, solicitar a autorização de V^o. Ex^a., para conceder á mesma hum auxilio, seja adiantamento ou donativo, de 60 á 80\$000, afim de que de novo possa munir-se com os objetos, que lhe forão roubados, sendo que d'estes auxilios em tempos anteriores e analogas ocasiões já forão concedidos em diferentes partes d'esta provincia.

Esta infeliz colonia parece ha algum tempo ser o alvo de todos os flagellos e torna-se-me algum tanto difficil, conservar sob taes circunstancias tranquilidade d'espírito e saude.

Deos Guarde á V^o. Ex^a.

Illm^o. e Exm^o. Snr.

Dr. André Cordeiro de Araujo Lima

Dmo. Presidente da Provincia.

O Diretor — Dr. H. B. O. Blumenau".

A opinião dos que nos visitam

— Uma cidade que conserva suas tradições não corre perigo de parecer. Parabens, povo de Blumenau! — Marilena de Trelli — Campinas — SP.

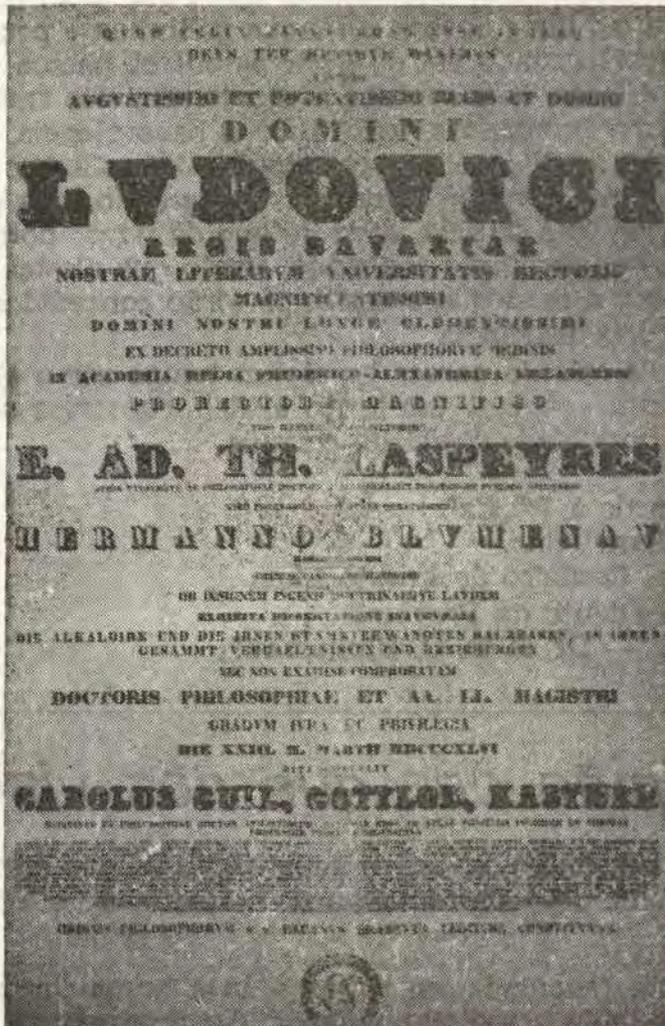
— Quanta felicidade em viajar quinze horas para conhecer uma cidade tão linda como Blumenau e tão progressista como a de um paulista que sou. — Bucwich — Bauru — SP.

— Parabens pela conservação dos objetos que mostram as tradições, costumes e modo de viver do início desta cidade. — Maria Helena e Oswaldo. Rio de Janeiro.

— Muito interessante o Museu da Familia Colonial, pelas antiguidades que apresenta. — Glanir I. Machado — Rio de Janeiro.

— Conhecimento e história contidos neste Museu da Familia Colonial, são fontes importantes para o enriquecimento cultural — Ana Maria e Antonio — Rio de Janeiro.

DR. PH. HERMANN BLUMENAU



Achamos muito oportuno e bastante agradável publicar neste número de "Blumenau em Cadernos", o clichê reproduzindo o diploma conferido pela Academia Real Ludovico, da Bavária, ao Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, quando, defendendo tese, colou grau de Doutor em Filosofia, no ano de 1846, portanto quatro anos antes de iniciar sua grande luta pela colonização desta região e a conseqüente fundação da Colônia Blumenau.

A Loja Maçônica "Zur Friedenspalme"

José Gonçalves

Soô o titulo acima, o sr. K. Prober (M. V. St. "Concordia et Humanitas"), publicou um trabalho dos mais excelentes, através do qual procurou fornecer todos os esclarecimentos possíveis baseados nos dados de que dispunha, sobre a atividade da primeira loja maçônica fundada em Blumenau e da qual fizeram parte figuras das mais representativas da cultura blumenauense nos primórdios da fundação. Esse trabalho acha-se publicado na edição nr. 1, do Tomo IV, de "Blumenau em Cadernos", a pagina 30 (janeiro de 1961).

Apesar de ter fornecido uma serie de interessantes informações à respeito da loja que se intitulava "Friedenspalme" (Palma da Paz), o sr. Prober deixou duvidas quanto a existencia oficial da mesma loja, se a partir de junho de 1870 ou de junho de 1885.

Agora, com o recebimento da variada documentação procedente dos arquivos historicos existentes na Alemanna, foram encontrados entre eles alguns que dao o esclarecimento necessario a complementação do trabalho de K. Prober. Atraves de tais documentos, conclue-se que a loja teria existido a partir ou ate antes de 1870, mas em forma de uma associação de maçons que reuniam-se habitualmente em ambientes diversos, secretamente, quando praticavam os rituais maçônicos e desenvolviam os estudos filosoficos assim como tambem seriam, tais reunioes, para estreitar os laços de amizade que uniam essas personalidades cuja cultura e inteligencia estavam muito acima do nivel intelectual da grande maioria da população formada por imigrantes e descendentes destes, cuja principal atividade era a da agricultura. Sentindo, por isso mesmo, necessidade de palestras, diálogos, troca de ideias de sentido mais elevado, dentro de um nivel de cultura que os identificava, eles resolveram promover a fundação da comunidade maçônica, sem todavia conseguir oficializar a existencia de uma loja regular senao muitos anos mais tarde. Nas reunioes que passaram a realizar periodicamente, muitos assuntos devem ter sido debatidos, todos do maior interesse da novel colônia, assim como os passos que deveriam ser dados para oficializar a existencia da primeira loja maçônica em Blumenau. Em se tratando de um grupo comunitário muito assiduo mas que entre seus componentes existiam divergências de opiniões, muito compreensíveis entre homens de elevado nivel intelectual, a instituição maçônica teve a denominação de "Friedenspalme", ou Palma de Paz, evidenciando, é claro, os objetivos de tal denominação e a finalidade da constituição da loja, que era a de aparar arestas, além de promover profundos estudos filosoficos maçônicos.

No entanto, a concretização da oficialização da loja, só acon-

teceu depois que o Dr. Blumenau já se encontrava na Europa. Isso se confirma pela correspondência e pelos documentos que se acham arquivados na Alemanha, dos quais possuímos agora cópias fiéis que o Prefeito Municipal de Blumenau acaba de receber e que colocou à disposição da redação de "Blumenau em Cadernos" para que fossem sendo publicados em suas páginas.

Primeiramente, vamos transcrever a carta que os membros da loja "Palma da Paz" endereçaram ao Dr. Blumenau, no dia 30 de julho de 1884, e cuja tradução para o português foi feita pelo filatelista Alfredo Wilhelm. Eis o texto da citada carta: "Ilmo. Sr. Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau. "Caríssimo Irmão: Os Irmãos abaixo assinados, — como já deve ser do seu conhecimento — pretendem, no menor tempo possível, realizar a instalação da Loja local — "Palma da Paz" — Oriente de Blumenau e construir o prédio próprio para o funcionamento da mesma.

Tendo o caríssimo Irmão se manifestado ser sua intenção por este motivo doar um terreno para a edificação do templo, tomamos hoje a liberdade de lhe pedir humildemente — caso o Irmão não tenha desistido desta sua intenção — de doar, desde já, a nós, este terreno, antes de sua partida para a Europa. Na esperança de que o caríssimo Irmão realize este nosso grande desejo e que desta maneira facilitaria extraordinariamente o nosso trabalho, ficaremos eternamente agradecidos.

Saudamo-vos por três vezes três. Assinado: Wilhelm Scheeffler, Gustav Sallinger, Luiz Altenburg e Franz Lungershausen"

Em resposta à carta que recebeu, o Dr. Blumenau escreveu o seguinte:

"Blumenau, 4 de agosto de 1884. — Prezados e caríssimos Irmãos. — Em resposta a sua missiva do dia 30 do mês passado — com referência a transmissão de posse dum terreno adequado para a construção dum prédio para as futuras instalações da Loja local "Palma da Paz" — tenho-lhes a comunicar o seguinte:

Em principio estou disposto em vir ao encontro de seus desejos, desde que a minha situação pessoal — atualmente pouco agradável — o permita. Uma doação ou uma venda do terreno por um preço nominal, somente será realizável se o presenteado ou o comprador está de posse dos direitos de uma pessoa jurídica.

Desta maneira, antes que a nossa loja consiga estes direitos, não será possível pensar numa doação ou venda legal à mesma loja. É com muito pesar que sinto não ser possível, no momento, atender a essas reivindicações de modo oficial, a não ser em eu deixando, antes de partir, uma procuração que somente poderá conceder o direito de posse após a loja local ser instalada legalmente e oficializada com todos os direitos de uma pessoa jurídica. Em face de uma procuração comum perder o seu valor com o falecimento do concedente, eu to-

marei providências nos termos da procuração para que isso não venha acontecer e a mesma tenha sua validade como o desejo do cumprimento de minha vontade, mesmo depois da minha morte. O terreno em questão, acabo de mostrar ao Irmão Sallinger. Eu acho ser este terreno o único sobre o qual eu poderia dispor atualmente para aquele fim. Permitam-me, ainda, caríssimos Irmãos, mais algumas observações para o acima nomeado Irmão Sallinger e também para os outros Irmãos a mim fiéis, pois acho isso um dever fraternal de minha parte: Tendo em vista as irregularidades verificadas entre os nossos irmãos de Joinville, Rio de Janeiro e Hamburgo e que diga-se de passagem, foram bastante desagradáveis, não acho aconselhável, conveniente e acho até certo ponto ilegal e de mau sentido político, se a nossa Loja não se filiar ao Grande Oriente do Brasil, o país em que queremos ou teremos de viver, para filiar-se a uma ordem maçônica do exterior. Os motivos deste meu modo de pensar, já tive oportunidade de expressar verbalmente a todos, não sendo mais necessário repetir aqui em pormenores.

Além do mais, eu sou de opinião de que nossa loja não seja considerada brasileira nem alemã, mas sim, uma loja teuto-brasileira e que essas características sejam oficializadas através dos timbres dos carimbos e dos selos, utilizando-se as denominações simultâneas de "Palma da Paz" e "Friedenspalme".

Na vida comum, existem preconceitos e lados especiais que a gente não devia deixar de lado, em se tratando de fazer o bem e evitar de fazer o mal. As pessoas cultas e esclarecidas, dotadas de experiência, aceitam os homens sejam eles maçons ou não, como eles de fato são e não como eles poderiam ou deveriam ser. Saudações triplíplex e fraternais. Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau".

Entre os documentos, encontramos ainda um rascunho de documento que Blumenau deve ter deixado para seus Irmãos de loja. Esse rascunho, diz o seguinte:

"Declaro, pelo presente, que na data de hoje, vendi à Loja Maçônica desta Villa, denominada "Palma da Paz" — Friedenspalme em lingua alemã —, um chão de casa sito no suburbio ainda desta Villa, logo abaixo daquele boeiro da garganta dos morros na rua Itajahy do abaixo, com a frente de trinta metros mais ou menos e fundos até o rio, correndo a mesma frente desde pouco mais ou menos a gameleira de folha de leque que ali plantei faz alguns decenios, em linha reta até onde acabam os aludidos trinta metros e os fundos com angulo reto sobre a frente, tudo nestas condições seguintes: O referido chão de casa não entrará na propriedade da dita Loja senão depois dela ter carater de regular e legitimamente constituida e reconhecida por quem de direito for, o que deve ter lugar, em último caso, até o fim do ano de mil oitocentos e oitenta e oito. Sendo o preço a pagar-me de cinquenta mil reis, ele deverá ser pago logo que a Loja fique legitima-

mente constituída e tomar efetivamente posse do dito terreno, à caixa da mesma Loja para as despesas correntes e, no caso de não se cumprirem estas condições dentro do prazo acima estipulado, o dito terreno tornará de novo à minha posse ou de meus herdeiros de direito e a presente venda será nula e não havida". (no final é ilegível).

É evidente que o documento oficial, vasado mais ou menos nos termos do rascunho acima, foi elaborado e aqui deixado nas mãos dos membros da associação dos maçons, para mais tarde servir de instrumento válido para a escritura de posse da área de terras doada em favor da "Palma da Paz".

Em carta que endereçou ao Dr. Blumenau, já residindo na Alemanha, com data de 1º. de Dezembro de 1885, o sr. Frederico von Ockel, depois de agradecer os presentes recebidos e fazer outros comentários, abre um tópico e diz textualmente:

"Grandes novidades não tenho para lhe contar sobre os progressos e inovações em nossa colônia, já que isso deve ter sido informado pelos srs. Scheidemantel e o Diretor Stutzer. Fora isso, a novidade que tenho é a de que a nossa Loja "Friedenspalme" já foi instalada e também reconhecida pelas Grandes Lojas de Hamburgo".

Essa informação prestada a 1º. de Dezembro de 1885, confirma oficialmente que a instalação da Loja "Friedenspalme", já de posse da carta magna de reconhecimento por parte das Grandes Lojas de Hamburgo, ocorreu realmente a 24 de Junho de 1885, quando o Dr. Blumenau já se encontrava na Alemanha, onde permaneceu até sua morte ocorrida em Outubro de 1899.

Dia Internacional do Livro Infantil

(Colaboração da Fundação Nac. do Livro Inf. e Juvenil)

O Dia Internacional do Livro Infantil é um projeto da Organização Internacional do livro para crianças e jovens (IBBY) da qual a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil é a Secção Brasileira.

É comemorado anualmente no dia 2 de abril aniversário de Hans Christian Andersen patrono mundial da Literatura Infantil com o objetivo de criar maior compreensão entre os povos, através dos livros para crianças.

A cada ano um país membro do IBBY assume a responsabilidade dessa promoção pedindo a um autor seu, que escreva mensagem dirigida a todas as crianças do mundo.

Neste ano de 1978 a Seção Australiana escolheu para tema "UM MUNDO DE VIDA NOS LIVROS", esperando assim ligar as crianças

aos livros, à vida, a natureza e sua conservação. Com este tema o escritor Colin Thiéle redigiu a mensagem que se segue.

A FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL espera que você que lê esta mensagem ajude a divulgá-la de forma a que o Brasil se una aos demais países, na realização deste belo projeto de compreensão internacional através do incentivo à leitura.

UM MUNDO DE VIDA NOS LIVROS

Colin Thiéle

O menino e a menina viviam numa fazenda no sul da Austrália.

A terra, em junho, era umida e feliz, com verdes espigas de trigo, mas calcinada ao calor de janeiro que reverberava sobre a grama estorricada.

A casa da fazenda era de pedra. Rodeada por uma ampla varanda, tinha uma cozinha espaçosa e uma adega cheia de toucinho e presunto, ovos e coalhada gorda e pepinos em conserva. Lá não havia eletricidade, nem rádio, nem televisão, nem tampouco geladeira.

Na cozinha, acima da lareira estendia-se uma prateleira comprida. Na extremidade direita postava-se um relógio de cara larga, com um pêndulo arteiro que ine caja do queixo, parecia-se muito com HUMPTY-DUMPTY* sacudindo a perna ia no alto do muro. Ao lado do relógio alinhava-se uma fila desordenada de livros — uma grande Bíblia negra, mais pesada que um tijolo, e livros de História Sagrada cheios de figuras coloridas de Jesus, e Abraão, e Moisés bebezinho numa cesta entre os juncos. Havia também outros livros de figuras, e livros de jardinagem, e livros de medicina para gente e bichos, que ensinavam tudo sobre mordida de cobra e venenos, febre de leite, cascos partidos e ar no estomago. E havia livros de histórias, sobre dragões e pastores e animais selvagens. De noite, o menino e a menina sentavam-se à luz do lampião, com o pai e a mãe, e liam e reliam todos os velhos livros, tantas vezes que no fim sabiam de cor a maior parte.

O pátio da fazenda era um lugar feliz. Havia leitões com nozinhos nos rabos e perus exibidos que se deslocavam quais navios sovranceiros, e gansos com pescoços quais longos canos de botas. E a menina tinha um pônei tão belo que a luz do sol parecia estar dormindo na profundidade de seu pelo dourado.

De repente, um dia, tudo foi destruído no espaço de uma hora. Um vento norte soprava violento e um grande incêndio irrompeu nos morros próximos. Espalhou-se como uma torrente vermelha pelas cristas e vales, correu através as pastagens e alcançou a casa da fazenda e os telheiros. As árvores arderam em torres de fogo, os animais

* personagem tradicional inglesa que aparece também em "Alice no país das maravilhas".

nos estábulos e cercados morreram queimados. Até o põnei morreu. O fazendeiro e sua família tiveram de esconder-se no tanque d'água subterrâneo para escapar, e quando arrastaram-se para fora nada havia em torno senão tições e cinzas.

As crianças grudaram-se ao braço do pai. A mãe soluçava baixinho, as mãos escondendo-lhe o rosto e os ombros se sacudindo de tempos em tempos.

— Acabou-se tudo — ela disse — Nada restou, nem mesmo os livros, nem mesmo a Bíblia. Tudo se foi.

— Nós reconstruiremos — o pai disse baixinho. — Já fizemos isso uma vez, podemos fazer de novo. As crianças vão nos ajudar.

— Você não pode devolver a vida às coisas mortas — ela respondeu. — Não pode ler livros queimados. Seria preciso um milagre.

— Há milagres no mundo — ele garantiu. — Haverá outra vez grama quando chover, e nas árvores enegrecidas as folhas novas surgirão qual velas verdes. E livros novos brotarão das cinzas.

O fazendeiro tinha razão. De lugares distantes pessoas vieram correndo para ajudar. Reconstruíram a casa. Uns trouxeram ripas para cercas, martelos e pregos. Outros deram uma ovelha ou uma vaca ou um leitão ou uma galinha para repovoar a fazenda. Alguns trouxeram cadeiras e roupas de cama e jarros e pratos. E trouxeram livros — Bíblias e Novos Testamentos e livros de histórias. Logo o menino e a menina tinham mais livros do que antes.

Foi algo que jamais esqueceram — o incêndio, a fuga e a reconstrução da fazenda. Mesmo hoje, embora tudo tenha acontecido há muito tempo, eles ainda se lembram. Chegaram mesmo a escrever tudo que aconteceu, de modo que a história de seus livros está preservada num livro, que as pessoas podem ler e entender e compartilhar na imaginação.

Pois o mundo — todo um mundo de palavras — vive para sempre nos livros. Algumas coisas nós jamais veremos na vida real porque estão distantes demais, escondidas e fora de nosso alcance. Podemos encontrá-las todas nos livros. Rios podem correr e tigres saltar — das páginas de um livro. Um vulcão pode ir — romper na página 25, uma estrela cair na página 36 e aviões a jato rugir na página 92. Uma tempestade pode estar acometendo nossa casa mas nós podemos passear à luz do sol — num livro.

O esplendor dos livros brota não só do mundo real mas também do maravilhoso imaginário. Ele nos proporciona maçãs de Ouro, pé-de-feijão mágicos e visita a castelos que alcançam o céu. Podemos ver gnomos, gigantes, monstros assustadores que se levantam das profundidades e criaturas de outros planetas. Podemos mesmo ver coisas que aconteceram há milhões de anos atrás e coisas que acontecerão daqui a milhões de anos.

Encontramos gente nos livros, gente da África e da Ásia, da

Groelândia e da Guatemala; gente dos desertos e das selvas, das montanhas e das planícies, conhecemos bebês e garotos, professores e carteiros, carpinteiros e palhaços, moças e jardineiros, e avôs com cachimbos antigos e barbas brancas. Vivem em livros há centenas de anos. Jamais poderão ser de fato destruídos, e este é o ponto central da história sobre o incêndio na fazenda.

Pois são descobertas cópias, e outras mais são impressas, e assim velhos livros voltam à vida, surgindo do passado como as plantas que brotam, no deserto australiano, de sementes que se abrem ao calor violento do fogo. Foi assim que a casa reduzida a cinzas foi de novo suprida de livros. É assim, que as pessoas pelo mundo afora renovam o suprimento de suas mentes.

Nada é por demais raro e estranho para ficar guardado num livro. As coisas simples da vida aí estão: suaves desenhos que o vento traça na areia, nuvens correndo por entre estrelas distantes, gotas de chuva saltando nas ruas como minúsculas bailarinas, as linhas das palmas de nossas mãos. Coisas complicadas aí estão: foguetes espaciais, computadores e a miraculosa química de nossos corpos. Coisas tristes: solidão e morte, e a destruição de maravilhosas criaturas que agora estão extintas e para sempre perdidas pela terra. Coisas felizes: gatinhos rolando de costas, as asas dos pássaros, potros batendo os cascos. Coisas divertidas: homens correndo atrás de seus chapéus, cadeiras desabando, e a dentadura postiça do vovô caindo-lhe nas chinelas e mordendo-lhe os dedos. Coisas dolorosas: coisa que confragem nossos corações e fazem nossas pálpebras tremer com as lágrimas.

Todo o vasto, belo, infeliz, alegre, pululante, triste e maravilhoso mundo — um mundo inteiro de vida — está contido nos livros.

Que parte você escolhe para saborearmos hoje?

Tradução de Eglê Malheiros

COLIN THIELE, é um dos mais importantes e queridos escritores de livros infantis da Austrália. Conhecido educador, tanto na Austrália como na Europa, é atualmente Diretor do Wattle Park Teachers Centre. Tem escrito com sucesso em muitos campos e ganhou muitos prêmios por trabalhos em prosa, poesia e contos.

Seu principal livro infantil *STORM BOV* foi saudado pelo London Times como um "clássico" e "um dos livros mais belamente escrito por um autor australiano". O livro foi republicado em 1974, com originais ilustrações de Robert Ingpen. Em 1976, *STORM BOV* foi transformado em filme com sucesso mundial. A URSS concedeu-lhe o prêmio cinematográfico de 1977. Outro de seus livros infantis, *BLUE FIN*, é uma extraordinariamente bela história de um rapaz solitário que adota um pelicaninho doente, a quem chama Mr. Percival.

Colin Thiele nasceu em Eudunda, Austrália do Sul, em 1920. Vive em Wattle Park, Austrália do Sul com sua mulher, conhecida artista, e duas filhas já formadas.

A Colonização Italiana de Rio dos Cedros

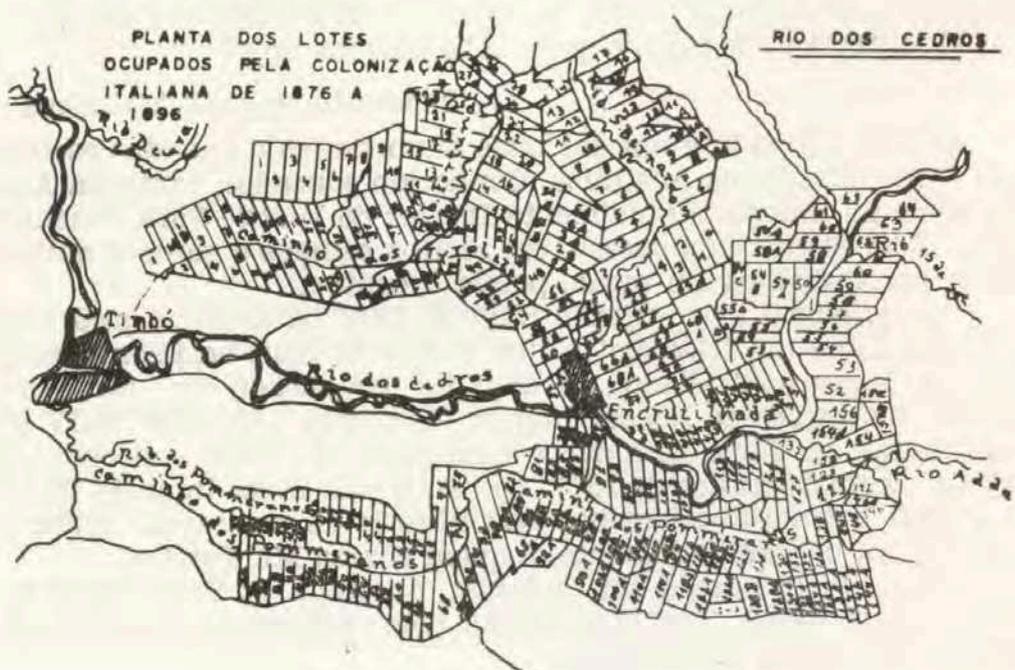
NA DÉCADA 1876 A 1886

José E. Finardi

Na sessão ordinária realizada em 5 de março de 1883, a Câmara Municipal de Blumenau, presidida pelo Vereador José Henriques Flores Filho, tomou conhecimento e agradeceu a oferta do Dr. Hermann Blumenau, feita por intermédio do seu procurador Henrique Avé Lallemand, de "um Mapa Grande, de todo o Município de Blumenau".

É do original desse Mapa, constante de nosso arquivo, que extraímos a planta parcial abaixo, delineando os lotes da colonização italiana de Rio dos Cedros, ocupados na década de 1876 a 1886, cujos primeiros moradores das diversas linhas coloniais, divulgamos em edições anteriores, consignando o número de cada lote dessas linhas, a saber: Linha "Caminho dos Pomeranos", lote nº. 32 a 156; linha "Caminho dos Tiroleses", lote nº. 1 a 72; linha Rio dos Cedros, margem direita, lote nº. 34 a 58; idem, margem esquerda, lote nº. 39 a 54; linha Ribeirão São Bernardo, margem direita, lote nº. 1 a 14; idem, margem esquerda, lote nº. 1 a 17; linha Ribeirão Fortunata, lote nº. 11 a 34, e finalmente, a Sede, lote nº. 1 a 31 e mais os lotes dos fundos das linhas Pomeranos e Tiroleses, tudo num total de 321 lotes, contendo a área total de 6.711 hectares apenas.

Deduzindo-se esta área do atual Município de Rio dos Cedros, vê-se que a maior parte do município foi ocupada por imigração voluntária e migração posterior a 1886.



ESTANTE CATARINENSE

por Carlos Braga Mueller

Em Blumenau são poucos os que atualmente escrevem sobre os fatos que ficaram marcados na história do Município. Mesmo porque são poucos, também, os que possuem condições para relatar fielmente aquilo que aconteceu no passado. José Finardi é um destes. Possui um fabuloso arquivo, e sua produção nestes últimos tempos tem sido vista e sentida através dos vários artigos e estudos que escreve para "Blumenau em Cadernos".

Nascido em Acurra, zona da colonização italiana, tem-se dedicado com afinco e denodo em prol do esclarecimento cada vez maior da história daquela região. Tanto assim que editou, em 1976 — ano do centenário da colonização italiana em Acurra, um livro que tem recebido elogios sem conta por parte de todos os que têm oportunidade de apreciá-lo. Este livro, intitulado exatamente "Colonização Italiana de Acurra" terá brevemente uma segunda tiragem, sob os auspícios da "Fundação Casa Dr. Blumenau". Fica aqui o lembrete, para aqueles que perderam a primeira edição.

" A IGREJA EM SANTA CATARINA "

Notas para sua História

de Walter F. Piazza — Edição do Governo do Estado de Santa Catarina, 1977.

O presente livro, em boa hora chegado às nossas mãos por lembrança espontânea de Theobaldo Jamundá, Presidente do Conselho Estadual de Cultura, vem acompanhado de uma separata. Nesta separata, nos é apresentado o "Parecer" do citado Conselho, recomendando a publicação do livro. —

Mesmo porque seria impossível dar outro destino a tão

importante trabalho. Como bem esclarece o Arcebispo Metropolitano de Florianópolis, D. Afonso Niehues, na apresentação: "Por diferentes razões nunca fora pesquisada sistematicamente, até o dia de hoje, a história da Igreja em Santa Catarina. Existe, sem dúvida, um bom número de estudos esparsos em revistas ou livros, ou pequenas monografias geralmente de cunho local; nada, porém, de mais profundo e sistemático". E continua, D. Afonso: "Com a aproximação do ano jubilar da elevação do Bispado de Florianópolis à categoria de Arcebispo e Sé Metropolitana, fato acontecido aos 17 de janeiro de 1927, quando dela se desmembravam duas novas Dioceses, a saber: Joinville e Lages, pareceu-nos oportuno mandar pesquisar e divulgar algo sobre evangelização e estruturação da Igreja em Santa Catarina. Neste intuito lançamos a idéia ao conhecido historiador e escritor Walter Fernando Piazza, versado que é também em assuntos eclesiásticos. O eminente Professor, em poucos dias estava de volta com o esquema do livro: maior espaço dedicado à pesquisa dos primórdios da Igreja em nosso Estado, e uma rápida diagonal até nossos dias".

Temos aí, portanto, a origem do livro. Sua divisão é feita em duas partes. A primeira, intitula-se "A Igreja: da Hierarquia, do Clero e do Laicato" Por sua vez, esta primeira parte subdivide-se em 42 esclarecedores capítulos. Na parte segunda e última, somos brindados com verbetes biográficos. E ali, para satisfação nossa, e de tantos quantos conviveram com tão gratas figuras, vamos encontrar a inserção de nomes conhecidos de Blumenau e do Vale do Itajaí. Assim, aparecem os "verbetes" de Frei Efrém Mrozek, Frei Ernesto Emendoerfer, e tantos outros que ficaram indelevelmente marcados em nossa lembrança.

A validade deste trabalho, portanto, é indiscutível e os méritos do historiador e autor, Professor Piazza, incontáveis. A capa é de Jorge Kleber Rigueiras. O Planejamento Gráfico, de Carmem Dolores Campos, e os desenhos a bico-de-pena que ilustram a obra, pertencem ao Professor Carlos Humberto P. Corrêa.

"A Igreja em Santa Catarina" faz parte da Coleção "Cultura Catarinense", série "História".

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972
Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74
Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425
89100 B L U M E N A U Santa Catarina
Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico

Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

(exclusivamente para serviços internos)

Conselho Curador: *Contabilista Elimar Baumgarten* - presidente
Jornalista Honorato Tomelim vice-presidente

Membros: *Jornalista Altair Carlos Pimpão* - *Prof. Antônio Boing Neto* -
Comerciante Arno Letzow - *Advogado Beno Frederico Weiers* -
Repres. Comercial Heinz Hartmann - *Prof. Nelo Osti* - *Prof.*
Olívio Pedron - *Repres. Comercial Otto Iaczynski* e *Indus-*
trial Rolf Ehlke

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

A CADA ESTAÇÃO, UM NOVO SUCESSO.



As malhas Hering, leves e macias, dão liberdade de movimentos no verão.

Afastam o tédio e a tristeza nos dias outonais.

De puro algodão com fio penteado, aquecem carinhosamente no inverno.

Como a primavera, são coloridas e alegres.

Passa o ano todo com MALHAS HERING.